

A relação entre a Saúde Mental e os laços conjugais em tempos de pandemia

Sérgio Alves Santos¹

Victor Eduardo Nascimento dos Santos²

Giovani Rafael Machado Thomaz³

Emilly Saas Alves⁴

Resumo

O presente estudo teórico tem por objetivo correlacionar três elementos centrais nos fenômenos contemporâneos frutos de uma pandemia e pensá-los de forma articulada, a fim de propor uma reflexão que poderá servir de base para outras elaborações futuras, são eles: o isolamento social, a saúde mental e as relações conjugais. A coleta dos dados foi feita a partir de uma pesquisa integrativa da literatura, assim como dos principais meios de informações, analisados sob a ótica da psicologia social. O pressuposto do qual partimos é que a combinação do impasse calcado no conflito com o outro e, ao mesmo tempo, consigo, deve ser pensado a partir de uma concepção holística de saúde (ou seja, uma visão transdisciplinar que concebe o humano a partir de suas dimensões física, mental e social), de modo que possa ser também um objeto de investigação das ciências psicológicas no que se refere à saúde mental e seu papel na organização dos vínculos (sobretudo, das relações conjugais) e à importância desses estudos para a compreensão da sanidade mental.

Palavras-chave: Pandemia; Saúde Mental; Laços conjugais.

The connection between Mental Health and conjugal ties in pandemic times

Abstract

The present theoretical study aims to correlate three central elements in contemporary phenomena resulting from a pandemic and to think them in an articulated way, to propose a reflection that may serve as a basis for other future elaborations, they are: social isolation, mental health, and marital relationships. Data collection was done from an integrative literature search, as well as from the main means of information, analyzed from the perspective of social psychology. The assumption from which we start is that the combination of the impasse based on the conflict with the other and, at the same time, with you, must be thought, from a holistic conception of health (that is, a transdisciplinary view that conceives the human from physical, mental and social dimensions), so that it can also be an object of investigation of the psychological sciences with regard to mental health and its role in the organization of bonds (above all, marital relations) and the importance of these studies for understanding of mental sanity.

Keywords: Pandemic; Mental health; Marital ties.

¹ Universidade Federal do Vale de São Francisco (UNIVASF), Petrolina/PE, Brasil

² Universidade Brasil, São Paulo/SP, Brasil

³ Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil), São Paulo/SP, Brasil

⁴ Universidade de Paris 8, Paris, França

A crise causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), e a doença subsequente, a COVID-19, colocou em xeque algumas certezas nos discursos econômicos e escancarou nossa necessidade, inclusive estrutural, do humano, de amparo nos sistemas de saúde e demais políticas públicas. Mas não só: ainda que a economia e a saúde sejam os dois grandes vetores do debate, o vírus ainda veio desvelar um sintoma muito recorrente de nossa cultura – que se forja como natural no fluxo do cotidiano –, a saber: a fragilização das relações.

Com a finalidade de pensar a complexidade do tema, é essencial que façamos articulações entre as medidas adotadas pelo Brasil e a maioria dos outros países e alguns dos efeitos que as acompanham nas relações afetivas, a partir das informações que até então conseguimos ter acesso, analisadas sob a ótica da psicologia social, o que nos permite, de certa forma, “apreender o modo como as pessoas se organizam socialmente diante da possibilidade de adoecer e tratar-se” (Do Bú, Alexandre, Bezerra, Sá-Serafim, Coutinho, 2020, p. 3).

Em geral, o que se percebe é que o número crescente de divórcios em diversos países; os dados divulgados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) que mostram que das 52 mil menções de violência entre casais, 5.583 indicavam violência doméstica; o aumento da violência de gênero no Brasil e em diversos países e as outras pesquisas relacionadas ao tema são fenômenos que passam a fazer parte da representação da fragilidade dos laços humanos e que se evidencia ainda mais numa realidade pandêmica, em que a melhor forma cientificamente comprovada de se proteger é o isolamento social – mesmo que essa medida deva ser pensada sob um recorte de classe, haja vista que muitos trabalhadores, apesar das medidas de assistência financeira emergencial, precisam trabalhar.

Esse movimento diz da dificuldade de conviver com a alteridade e ao mesmo tempo de lidar com a solidão. O resultado da combinação do impasse calcado no conflito com o outro e, ao mesmo tempo, consigo, deve ser pensado a partir de uma concepção holística de saúde, ou seja, uma visão transdisciplinar que concebe o humano a partir de suas dimensões física, mental e social – ainda que haja estudos que demonstram a natureza multifacetária da separação e dos conflitos na família –, de modo que possa ser também um objeto de investigação das ciências psicológicas no que se refere à saúde mental e seu papel na organização dos vínculos, sobretudo, das relações conjugais, e a importância desses estudos para a compreensão da sanidade mental.

Correlacionando de forma analítica os fenômenos contemporâneos, lembremos que no Brasil o número de divórcios tem crescido cada vez mais desde sua legalização, em 1977, e, sobretudo, nos últimos anos, ao passo que se tem aumentado atualmente, mais ainda durante a pandemia, o número de adeptos de aplicativos e sites de relacionamento que, a rigor, cumprem a mesma função antiga da família dos séculos passados de “arranjar” parceiros (Badiou, 2013).

Soma-se a isso as formas de se relacionar próprias do contemporâneo, ou seja, as novas configurações de estar com o outro numa relação – algo não necessariamente ruim. No entanto, o que se percebe a partir disso é a fluidez e a mercantilização das relações (Bauman, 2004; 2007; 2008) em ritmo de aceleração, com a internet sendo um dos principais instrumentos desse processo; já o tédio, a irritação e a violência são sintomas muito frequentes do pacto familiar que também estão aumentando e que, por sinal, estão na lista de possíveis sintomas que podem se intensificar nesse contexto (Fiocruz, 2020a; Fiocruz, 2020b; Fiocruz, 2020c; Fiocruz, 2020d).

Os acontecimentos até então observados durante a pandemia do coronavírus no tocante às relações amorosas, não só as brigas e os que já foram mencionados, mas também a (não) reinvenção da conjugalidade e a virtualização como mediação dos laços que se iniciam e, sobretudo, que se rompem, estão, de certa maneira, de acordo com os principais processos relacionais dos casais, assim como aqueles anteriores à separação apontados pela literatura, conforme Zordan, Wagner e Mosmann (2012), a saber, o desgaste da relação amorosa e a incompatibilidade dos gênios – ou melhor: não a personalidade do outro, mas a percepção da personalidade do outro que se relaciona com a satisfação conjugal (Guarnieri, 2007).

No que refere às características individuais dos cônjuges, por exemplo, o alcoolismo aparece como um dos precursores da separação – a Organização Mundial da Saúde (OMS) e outras publicações já apontaram que o aumento do nível nocivo do uso álcool e outras drogas é esperado neste momento, o que pode diminuir a capacidade de contenção dos atos de agressão verbal e/ou física (Yoshizawa, Carvalho, Nascimento, & Pelloso, 2020).

As causas de separação, em geral, estão vinculadas aos problemas de comunicação do casal, a intensidade dos conflitos e estratégias ineficazes de resolução, traços possivelmente pré-existentes, mas velados no cotidiano “tradicional” da díade e que com a maior partilha do espaço e do tempo se evidenciam. Dado que a qualidade dos relacionamentos afetivos está relacionada com a saúde mental dos sujeitos envolvidos e considerando que devido ao afastamento social pode-se ter algumas reações mais frequentes e que tais sentimentos podem desencadear vivências

conflituosas e violentas, é importante também que isso seja posto ao analisarmos os comportamentos conjugais.

Embora determinadas pesquisas já comecem a surgir e delinear algumas das consequências psíquicas da pandemia do coronavírus e as medidas adotadas de proteção (Schmidt, Crepaldi, Bolze, Neiva-Silva, & Demenech, 2020; Oliveira et al, 2020; Duarte, Santo, Lima, Giordani, & Trentini, 2020), ainda não temos um levantamento epidemiológico que possa nos oferecer dados mais consistentes da nossa atual situação no tocante à saúde mental, ainda mais correlacionada com as relações humanas em geral.

Apesar disso, como nos bem aponta o estudo “*Pandemic fear and Covid-19*”, sabemos que o número de pessoas cuja saúde mental é afetada tende a ser maior que o número de pessoas afetadas pela infecção (Ornell, Schuch, Sordi, & Kessler, 2020). Um estudo publicado no *The Lancet* (Brooks et al. 2020), feito a partir de um levantamento de experiências passadas, com o objetivo de analisar os efeitos da quarentena, nos apontou a prevalência de medo, raiva, estresse, irritabilidade, o que reforça as considerações publicadas nacionalmente sobre a questão.

Um estudo chinês (Wang et al. 2019), publicado na *International Journal of Environmental Research and Public Health*, cujo objetivo foi avaliar os impactos psicológicos do surto do COVID-19, no estágio inicial, ainda em 2019, chegou aos seguintes resultados: 53,8% dos entrevistados classificaram o impacto psicológico do surto como moderado ou grave; 16,5% relataram sintomas depressivos moderados a graves; 28,8% relataram sintomas de ansiedade moderados a graves. As variáveis apontaram que a maioria dos respondentes foram mulheres, entre 21 e 30 anos, com uma família de 3 a 5 pessoas, e que apesar dos homens terem sido pouco afetados no que se refere ao sentimento de confiança, foram os mais afetados com o estresse.

No Brasil, uma pesquisa que teve como propósito “analisar a frequência de tristeza, nervosismo e alterações do sono durante a pandemia” (Barros, p. 3, 2020), nos mostrou que dos mais de 45 mil respondentes, 40% se sentiram frequentemente tristes ou deprimidos, mais de 50% frequentemente ansiosos ou nervosos e mais de 43% e 48% relataram início de problemas de sono ou agravamento, respectivamente.

Vale a pena mencionar que uma das primeiras e grandes preocupações com a medida de afastamento social foi o trabalho. Um estudo brasileiro publicado recentemente que correlaciona trabalho e sofrimento psíquico nos mostra como a falta dele é também um dos motores que impulsionam conflitos intrafamiliares (Cappellano & Carramenha, 2019). Além disso, não podemos

desconsiderar que a pandemia tende a escancarar e a aumentar a precariedade e a fragilidade no trabalho (a exemplo disso, temos os trabalhadores do setor de *delivery*, aqueles que estão na informalidade e, principalmente, as mulheres na economia do cuidado), o que aumenta as chances de riscos físico e mental.

Mesmo aqueles que tiveram que se adaptar ao *home office* podem ser psicologicamente afetados devido às muitas demandas de trabalhos (sobretudo pelo aumento da sobrecarga doméstica das mulheres) que se acumulam associadas à desorganização da rotina, sem limites estabelecidos. Sem desconsiderar também que os trabalhadores que estão na linha de frente do combate e no tratamento do coronavírus estão em situação de extrema vulnerabilidade, uma vez que estudos mostram que já há elevadas taxas de suicídio nesse grupo (Reger, Stanley, Joiner, 2020; Fiocruz, 2020e); já outros grupos que carregam a marca da fragilização social pela desigualdade, como as populações indígena e LGBTI, moradores de rua, deficientes etc., estão inclusos nesse rol de necessária visibilidade e atenção, propensos também a maiores conflitos conjugais, assim como as mulheres estão mais propensas aos problemas mentais e às consequências da ruptura conjugal (Duarte, 2020; Barros, 2020; Saffioti, 2015).

Algumas instituições de pesquisa se empenharam em pautar a saúde mental como uma discussão necessária nesse momento. Um exemplo disso é a Fiocruz (2020f, 2020g), que disponibilizou em seu portal não apenas algumas cartilhas informativas, mas também cursos relacionados à saúde mental em situação de pandemia, principalmente (mas não só), para os trabalhadores da psicologia e o necessário para seus atendimentos online, via internet, uma realidade que aos poucos já vinha tomando forma e tornou-se um veículo imprescindível neste momento.

A OMS já havia apontado a questão psicossocial como uma prioridade em meio a pandemia do coronavírus, publicando considerações necessárias sobre o tema, embora uma pesquisa feita entre os meses de junho e agosto, com 130 países, a organização tenha identificado uma interrupção de 93% nos serviços essenciais de saúde mental; o *International Accounting Standards Committee* (2020) também publicou documentos de orientação dos aspectos psicossociais e de saúde mental a serem tomadas durante o surto da Covid-19; o Ministério da Saúde do Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde iniciaram uma campanha de divulgação de informações e promoção de saúde mental. Isso significa, a rigor, que uma pandemia da magnitude da que nos tem atingido não passará sem deixar marcas deletérias, cujas repercussões psicológicas e psiquiátricas deverão ser objetos de investigação e tratamento.

Um dos desafios a ser enfrentado é que os sentimentos de solidão e tristeza que podem surgir ou se amplificar neste momento, devido à fragilização das relações e vide que a sociedade capitalista também demanda do indivíduo soluções rápidas e busca pela felicidade plena dentro de um imperativo de gozo, podem ser tomados como portas de entrada para o consumo (inclusive, das próprias relações, como já aqui mencionado), e não como questões emocionais individuais a serem resolvidas – o que, por sua vez, pode desencadear outros sentimentos como frustração e tédio ou atos como tentativas de suicídio e autolesão etc.

Aumento nos níveis de raiva, estresse, irritabilidade, medo também será esperado nesse momento e não deixará de ameaçar não só a higidez mental dos sujeitos, como também a integridade conjugal, o que dificulta que estratégias de resolução mútua de conflitos e comunicação, essenciais a uma boa convivência e fortalecimento dos laços afetivos, sejam postas em prática, aumentando também as chances de rupturas desses vínculos.

Neste aspecto, a comunicação entre o casal é, mais do nunca, basal. A própria palavra, “*communicatio*”, que etimologicamente se refere à partilha, na tradição monástica é usada para se referir à união de todos que estavam isolados (Stefani, Garcia, Silva, 2018). Esta comunicação deve pressupor bem mais do que uma troca de informações, mas inclusive um exercício de escuta do outro como um sujeito atravessado por desejos, afetos, sentimentos, emoções. A comunicação não-verbal (olhares, toques, gestos, postura, entre outros elementos) faz parte de todo sujeito e casal, sendo um fator de reconhecimento da alteridade necessário para o enfrentamento dos conflitos matrimoniais, desde que isso não gere impasses interacionais.

Por outro lado, comunicar-se possivelmente não terá grandes efeitos para um casal, principalmente em tempos de pandemia, se os sujeitos da relação não experienciarem o cuidado de si não só como um fator de biossegurança individual, mas também conjugal. Em outras palavras, que haja o entendimento de que o fluxo de informações, cuidados e reações ao COVID-19 é precursor de sofrimento psíquico que afeta quaisquer redes socioafetivas. O atendimento psicológico online individual e conjugal é fundamental nesse momento para que o casal enfrente suas demandas conscientes e inconscientes de forma mais saudável.

O que se percebe, ademais, é a necessidade da reinvenção da conjugalidade, e isso inclui a reelaboração da rotina do casal, das possibilidades, dos recursos, dos interesses. Uma oportunidade para rever antigos impasses da própria conjugalidade, de si e do outro e, na melhor das hipóteses, (re)erotizar a relação. Esse retorno às nossas células abrigadoras pode ser uma ótima oportunidade de repactuar o convívio.

Deve-se colocar em questão, sem tabus, a incansável busca pela completude, ou seja, supor que um outro possa completar a minha falta, ou que a minha falta é, necessariamente, a falta que um outro faz. As relações demandam tempo, diálogo, concessões e a pergunta a ser feita é se estamos realmente dispostos a isso. Aproveitar a crise para acertar as contas consigo e com aquela ou aquela que o acompanha passa, necessariamente, por tais condições. É certo que a angústia, os ciúmes, o estresse, a inveja, as projeções são chaves de conflitos que, sem dúvida, se potencializarão, e saber disso é doloroso, desprazeroso, mas no final pode custar menos e ser mais proveitoso para todos.

As justificativas estão postas: desde o aumento da violência doméstica até o aumento verificado do uso de drogas por homens e mulheres atualmente esperamos com este ensaio, portanto, que novas pesquisas venham a relacionar conjugalidade e saúde mental no contexto dessa reorganização e desses fatos sociais provocados por uma pandemia, sem negligenciar, em torno dessa questão, esses fatores que provocam desestabilização emocional e apresentam riscos psicossociais ao casal.

REFERÊNCIAS

- Do Bú, E. A; Alexandre, M. E. S; Bezerra, V. A. S; Sá-Serafin, R. C. N; & Coutinho, M. P. L. (2020). Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. *Estudos de Psicologia*, 37, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200073>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Badiou, A. & Truong, N. (2013). *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barros, M. B. A; Lima, M. G; Malta, D. C., Szwarcwald, C. L; Azevedo, R. C. S; Romero, D; Souza Júnior, P. R. B; Azevedo, L. O; Machado, Í. E; Damacena, G. N; Gomes, C. S; Werneck, A. O; Silva, D. R. P. Pina, M. F; & Gracie, R. (2020). Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(4), 1-11. <https://doi.org/10.1590/s1679-49742020000400018>
- Brooks, S. K; Webster R. K; Smith, L. E; Woodland, L; Wessely, S; Greenberg, N; & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *Lancet*, 395, 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)

- Cappellano, T.; & Carramenha, B. (2019). *Trabalho e sofrimento psíquico: histórias que contam essa História*. São Paulo: Atarukas Produção Editorial.
- Duarte, M. Q; Santo, M. A. S; Lima, C. P; Giordani, J. P; & Trentini, C. M; (2020). COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3401-3411. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020a). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: Recomendações Gerais*. Fiocruz. <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-gerais.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020b). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: Recomendações para gestores*. Fiocruz. https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/cartilha_recomendacoes_gerais_06_04_0.pdf
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020c). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: A quarentena na Covid-19: orientações e estratégias de cuidado*. Fiocruz. <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%c3%bade-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-A-quarentena-na-Covid-19-orienta%c3%a7%c3%b5es-e-estrat%c3%a9cias-de-cuidado.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020d). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: processo de luto no contexto da Covid-19*. Fiocruz. <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-covid-19.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020e). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: Violência doméstica e familiar na Covid-19*. Fiocruz. <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-violencia-domestica-e-familiar-na-covid-19.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020f). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: Cuidados paliativos: orientações aos profissionais de saúde*. Fiocruz. <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42351/2/Sa%c3%bade-e-Mental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-cuidados-paliativos-orienta%c3%a7%c3%b5es-aos-profissionais-de-sa%c3%bade.pdf>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020g). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: Recomendações aos psicólogos para o atendimento online*. Fiocruz. <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/saude-e-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19-recomendacoes-aos-psicologos-para-o-atendimento-online-1.pdf>
- Guarnieri, A. A. (2007). *Comunicação no vínculo conjugal*. [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo, São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18072009-202533/publico/612531.pdf>
- Oliveira, W. A; Silva, J. L; Andrade, A. L. M; Micheli, D. Carlos, D. M; & Silva, M. A. I. (2020). Adolescents' health in times of COVID-19: a scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(8), 1-13. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>
- Ornell, F; Schuch, J. B.; Sordi, A. O. & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>
-

- Reger M. A; Stanley I. H; & Joiner T. E. (2020). Suicide Mortality and Coronavirus Disease 2019 — A Perfect Storm?. *JAMA Psychiatry*, 77(11), 1093-1094. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2020.1060>
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, patriarcado e violência* (2ª Ed.). São Paulo: Expressão Popular.
- Schmidt, B; Crepaldi, M. A; Bolze, S. D. A; Neiva-Silva, L; & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia*, 37, e200063. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>
- Stefani, J; Garcia, S, M; & Silva, T. (2018). *Efeito da Comunicação nos Relacionamentos Conjugais* [Trabalho de conclusão de curso de graduação]. Faculdade de Americana, Americana.
- Wang, C; Pan, R; Wan, X; Tan, Y; Xu, L; Ho, Cs; & Ho, R. C. (2020). Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (covid-19) epidemic among the general population in China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(5), 1729. <https://doi.org/10.3390/ijerph17051729>
- Yoshizawa, J. K., Nascimento, L., Iora, P., Pelloso, S. M., & Carvalho, M. D. de B. (2020). Diminuição no uso de bebidas alcoólicas e a violência pelo parceiro íntimo. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 15(42), 2263. [https://doi.org/10.5712/rbmfc15\(42\)2263](https://doi.org/10.5712/rbmfc15(42)2263)
- Zordan, E. P., Wagner, A. & Mosmann, C. (2012). O perfil de casais que vivenciam divórcios consensuais e litigiosos: uma análise das demandas judiciais. *Psico-USF*, 17(2), 185-194. <https://www.scielo.br/pdf/psuf/v17n2/v17n2a02.pdf>

Sobre os autores

¹Sérgio Alves Santos | sergio998alves@hotmail.com | Mestrando em Educação Física, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

²Victor Eduardo Nascimento dos Santos | nassan.victor@gmail.com | Graduado em História, pela Universidade Brasil.

³Giovani Rafael Machado Thomaz | giovani_rafa@hotmail.com | Pós-graduando em Psicologia Analítica, pela UniBrasil Centro Universitário.

⁴Emilly Saas Alves | emillysaas@hotmail.com | Mestre em Psicanálise, pela Universidade de Paris 8.

Recebido em: 12/05/2020

Aceito em: 29/10/2020